

A MULHER NA SOCIEDADE E NA AÇÃO SOCIAL

Sandra A. Schlichting Matos
Coordenadora da Asa — Fpolis

“Mulher e Homem, imagem de Deus”, foi o tema que a Igreja do Brasil nos propôs como incentivo para a Fraternidade, neste ano de 1990.

Para tanto, Maria será nosso modelo.

Queremos saber o que tem Maria a ver com a Mulher dos Movimentos Populares, com a mulher voluntária da Ação Social, com a mulher empregada doméstica, enfim, com todas as mulheres. Para tanto, precisamos conhecer antes a luta e a história dessas mulheres, bem como alguns dados estatísticos que caracterizem a situação da mulher em nossa sociedade. Também não poderemos omitir o fato de que falar na mulher, hoje, significa também compreender a família a partir dos seus direitos naturais, reconhecidos pela lei.

família patriarcal como modelo, concentrando todo o poder nas mãos do homem-pai

1. NOTAS HISTÓRICAS SOBRE OS DIREITOS DA MULHER

Iniciemos pelo novo papel social preenchido pela Mulher após a Revolução Industrial. A participação em massa da mulher na força do trabalho industrial e no setor de serviços, representando sua penetração no mundo externo ao lar, em oposição à ideologia do confinamento das mulheres, reformulou a concepção da autoridade masculina, sem contudo eliminá-la.

Desde o século XVIII, organizadas ou não, as mulheres têm lutado em busca da igualdade no plano jurídico-político. Aliás, o Movimento de Mulheres tem destacado que é no âmbito da posição jurídica da mulher que o direito da família sofreu maiores modificações.

O campo do direito regulador da família é um foco privilegiado para decodificar as relações de poder e a delimitação dos papéis sociais, ficando mais claro o entendimento do processo de reconhecimento da mulher. No código civil de 1916, a família é vista como núcleo fundamental da sociedade, composta por pai, mãe e filhos (família nuclear), e secundariamente por outros membros ligados por laços consanguíneos ou de dependência (família extensa). No mesmo Código, notamos:

a) Posição conservadora com relação à situação da mulher casada, considerando-a relativamente incapaz, em oposição à situação jurídica da mulher solteira maior de idade, retirando da mulher casada o poder de decidir sobre a prole e sobre o patrimônio.

b) O capítulo que trata das relações familiares faz com que esse Código adote a família patriarcal como modelo, concentrando todo o poder nas mãos do homem-pai e do homem-marido.

c) Fica claro que, na definição dos direitos e deveres do marido e da mulher, pode se entrever a valoração diferenciada dos papéis sociais, conforme sua definição cultu-

ral. Ao marido, segundo a lei, cabe especialmente “prover” à manutenção da família (artigo 233, inciso IV), enquanto à mulher cabe “velar” pela direção moral desta (artigo 240).

A legislação elaborada em 1930 se caracteriza por uma forma de pensar a família a partir dos dados claramente explicitados: a família enquanto parte de um discurso ideológico, a família enquanto elemento de uma política demográfica, a família enquanto elemento construtor da unidade política nacionalista.

Nesse período foram promulgadas: a legislação sobre o trabalho feminino (origem da CLT); sobre casamento entre colaterais do 3º grau; sobre os efeitos civis do casamento religioso; sobre os incentivos financeiros ao casamento e à procriação; sobre o reconhecimento de filhos naturais e a legislação penal, em especial no tocante aos crimes contra a família (código penal de 1940).

No período seguinte, que se estende de 1946 a 1964, caracterizado politicamente como democrático, a legislação sobre a família sofreu algumas alterações. Dentre elas destacam-se a lei de reconhecimento dos filhos ilegítimos (lei 883/49) e o Estatuto da Mulher Casada (lei 4.121, de 1962), que criou o instituto dos “Bens Reservados” da Mulher, definidos como aqueles oriundos de sua profissão lucrativa e dos quais pode dispor livremente, reafirmando nesta nova legislação o papel de simples “colaboradora” do marido nos encargos da família.

A seu favor deve-se destacar que, por esta lei, foi revogado o dispositivo do código civil que definia a mulher casada como “relativamente incapaz”, sendo-lhe afinal reconhecida a capacidade jurídica plena.

A partir de 1964 o Código Civil permaneceu inalterado no que toca a chefia da família e a administração do patrimônio. Alterou-se apenas o dispositivo quanto à indissolubilidade do vínculo matrimonial, com a entrada em vigor da lei 6.515, de 1977, a “Lei do Divórcio”.

grande alteração na área das normas relativas à questão da reprodução

Na realidade, a grande alteração no direito sobre a família ocorreu na área das normas relativas à questão da reprodução. Nesse período passa a ser adotada, de forma tímida a princípio, uma política de controle demográfico, com a permissão da atuação de instituições privadas, como a BEMFAM, que se dedicavam ao planejamento familiar. Os governos Federal e Estaduais passaram a endossar, oficialmente, planos de caráter de controle demográfico que foram implementados, gradativamente, apesar dos críticos e opositores, a partir de 1972.

Finalmente, na década de oitenta, a Constituição Federal prescreve “Homens e Mulheres” com direitos iguais, embora haja questões pendentes, pois o levantamento das

reivindicações sociais, nos últimos 20 anos, aponta para o fato de que apenas o Movimento de Mulheres tem feito pressão no sentido de alterações na legislação civil, em particular no que toca ao direito da família. De certa forma, repete-se o que sucedeu na luta pelo voto feminino.

noventa por cento das pessoas envolvidas nos seus programas são mulheres

2. A MULHER NA AÇÃO SOCIAL DA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS

Como exemplo do que se pode fazer para conseguir maior envolvimento da mulher na sociedade queremos destacar, agora, o trabalho desenvolvido pela Ação Social Arquidiocesana (ASA), tendo em vista que, na sua atuação, **noventa por cento** das pessoas envolvidas nos seus programas são mulheres, que atuam como voluntárias na estrutura e organização das Comunidades Paroquiais ou como participantes das atividades oferecidas pelas Ações Sociais.

Criada há 30 anos, a Ação Social Arquidiocesana tem o objetivo de evangelizar as comunidades, preferencialmente onde se encontra o povo em processo de empobrecimento, priorizando a Formação de Lideranças, organização de comunidades, assessoria às Obras Sociais Filiadas, acompanhamento e apoio às crianças de rua e periferia.

Com este objetivo e prioridades, a ASA coordena e assessora o trabalho desenvolvido por 34 Obras Sociais Filiadas, ligadas a Paróquias da Arquidiocese de Florianópolis e também 15 Comunidades de Periferia em trabalhos específicos de organização de Crianças e Adolescentes, atingindo, em 1989, um total de 7.907 pessoas beneficiadas, conforme quadro a seguir.

TIPO	Nº DE PESSOAS
Participantes Encontros/Treinamentos	1.097
Cursos de Iniciação Ocupacional	1.050
Grupos de Mães/Gestantes	2.080
Grupos de Idosos	1.081
Crianças de 0 a 6 anos	812
Crianças e Adolescentes de 7 a 18 anos	820
Atendimento de casos	97
Voluntários envolvidos	870
TOTAL	7.907

Notadamente, percebemos em nossas Ações que a mulher é oprimida em quase todos os níveis: familiar, social, eclesial. Infelizmente a nossa cultura é muito machista. A mulher é sempre vista em articulação e conexão com o lar, embora ela seja a condutora da vida e também da educação. Mesmo assim, ainda não tem um espaço de verdade para realizar-se como ser humano integral, pois ela está sempre em função dos outros.

Por outro lado, percebemos que a mulher está adquirindo uma consciência cada vez maior de sua situação de opressão.

Nas Ações Sociais, tem-se buscado um espaço cada vez maior de libertação, pelo fato de que a maioria do voluntariado são mulheres. Em todas as Ações Sociais são elas as que estão mais empenhadas no trabalho e que garantem a continuidade dos grupos.

Além disto, a Igreja hoje nos faz sérias exigências no sentido de cada vez mais participarmos em todos os níveis da pastoral. Para tanto, precisamos cada vez mais crescer e despertar nossa consciência para o papel que deve ser assumido por nós, enquanto assumimos o modelo de Maria.

03. A MULHER NA AÇÃO SOCIAL PAROQUIAL

Organizando-se nas comunidades paroquiais, em grupos de mais ou menos 20 pessoas, a mulher voluntariamente assume, como líder comunitária, o papel de apoiar, estar junto, ensinar algumas atividades às pessoas que, até então, não tiveram oportunidades dentro da nossa sociedade.

Em geral residem no mesmo ambiente, trazendo em seu bojo a cultura, o sofrimento, a esperança, a fé, as limitações de tantas outras mulheres, e por isso estão aptas a serem fermento na massa.

Não basta a estas mulheres dizer que a situação está ruim

As reflexões sobre a realidade em que vivemos estimulam o aprendizado e o engajamento em ações concretas.

Não basta a estas mulheres dizer que a situação está ruim e gritar pelos seus direitos. Compreendem que isto é bom e necessário, mas elas querem também ações concretas agora, para responder às necessidades sentidas pelo nosso povo.

As ações que desenvolvem em benefício da vida se referem às seguintes faixas:

Grupos de Mães/Gestantes:

É através de grupos organizados que as mulheres chegam a uma participação social mais efetiva. Elas iniciam com atividades manuais e partem para a discussão e reflexão de questões próprias de seu cotidiano, da sua situação de mulher oprimida. E neste refletir elas buscam uma transformação da sua condição, tornando-se capazes de caracterizar a sociedade em que vivem, seus objetivos e suas mudanças, e daí se descobrem sujeitos da sua própria história.

Grupo de Idosos:

Nos grupos de pessoas da 3ª idade, um novo sentimento da própria existência humana é redescoberto no convívio de pessoas da mesma faixa etária. Os sentimentos, as idéias, os valores e os costumes expressam-se neste conviver, com tardes de encontro, tendo ao seu lado o voluntariado como fator de estímulo.

Atendimento às Crianças e Adolescentes:

A estrutura sócio-econômica vigente, faz com que os pais se ausentem dos lares para trabalhar e não têm com quem deixar seus filhos. Para tanto, através do funcionamento das creches e de grupos de adolescentes se priorizou

o desenvolvimento, através de uma alimentação adequada, de atividades que favoreçam o amadurecimento nos aspectos físico, intelectual, afetivo e social, partindo da realidade que se apresenta e fundamentando toda a proposta no aspecto educacional, voltado para uma transformação da sociedade.

Cursos de Iniciação Ocupacional:

É na vida cotidiana que se consolidam e se perpetuam as condições de vida, e é através dos cursos de iniciação ocupacional que se abrange uma determinada classe social, através do estímulo das suas reais necessidades. Assim aumenta-se o saber, e asseguram-se condições de aumento da renda familiar através de cursos como: pintura, bordado, costura, datilografia, etc.

as voluntárias se reúnem sistematicamente na sua Ação Social Paroquial

Formação e Reciclagem:

Com o objetivo de avaliar a ação desenvolvida, interpretar a conjuntura, conhecer a realidade, e trocar experiências, as voluntárias se reúnem sistematicamente na sua Ação Social Paroquial e participam de encontros realizados externamente.

Como exemplo, um entre muitos, apresentamos o depoimento da voluntária Bernadete de O. Drapischinti, da Ação Social Paroquial Santa Maria Goretti, da Coloninha.

"Eu mulher, casada, 34 anos, 4 filhos e 4 netos. Ser mulher é descobrir a vida, como ser mãe, para viver e ir à luta.

A mulher tem que lutar por todos os direitos que ela tem, por exemplo, saúde, um lar decente, um trabalho; cada mulher deve ter uma religião, e a minha é aquela que Deus deu: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei".

Mulher é uma pessoa que está sempre na frente dos problemas do lar e na comunidade, e como mãe ela tem sempre uma palavra oportuna.

Mulher na sociedade ainda não é bem vista, tem muito preconceito, ser mulher é uma conquista na Igreja, na comunidade e no lar. E no dia-a-dia, através de Maria Mulher é que eu tenho coragem de ir à luta, porque Maria sempre foi mãe e mulher, enfrentando tudo por amor.

A mulher deve ser uma pessoa de oração e de ação: ela vai à luta por mais difíceis que estejam os problemas.

E ela deve ser mulher de coragem, por mais pesada que seja a cruz: mulher e mãe estão sempre de mãos dadas.

O espírito de Deus sopra sobre a mulher porque ela está sempre na conquista de Deus. Mulher é vida, Deus deu esse dom para a mulher-mãe.

Voluntária é uma pessoa que faz tudo por amor. O trabalho da voluntária é uma decisão de dia após dia, o que ela sabe tem alegria de passar para as pessoas com quem trabalha. Que o Espírito Santo desça sobre a pessoa voluntária e dê coragem para manter todo o seu trabalho.

Ela é uma pessoa que não mede esforços para atender às suas obrigações, especialmente dentro da Ação Social da sua comunidade.

Voluntária é mulher que luta, e não mede esforços. Tenho alegria porque sinto que Deus está comigo, e tenho todo apoio da minha família. Que a graça do Espírito Santo se derrame sobre todas as voluntárias".

Conclusão: Depois destas reflexões sobre a Mulher na sociedade e na Ação Social, recordamos a afirmação do início: "Maria será novo modelo".

Dom Paulo Evaristo, o conhecido Cardeal-Arcebispo de São Paulo, nos mostra onde o povo busca a informação sobre Maria. O Novo Testamento se concentra sobre Jesus, Deus e homem. O Antigo se completa e se explica pelo Novo. Para Nossa Senhora, ficariam então somente as sobras? Não. Por exemplo, o Evangelho de São Marcos a menciona duas vezes. A primeira para apresentá-la, qual modelo de fé, para a família que Jesus há de reunir: "Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe" (Mc. 3,35). A segunda, para dizer-nos que Jesus é carpinteiro e filho de carpinteiro; e sua mãe é Maria, esposa e mãe de trabalhador (Mc 6,33).

Entre os maiores sinais do nosso tempo, aparece a classe trabalhadora unida à mulher, que conquistaram ambas lugar e respeito na sociedade, como explica o Papa João XXIII na sua famosa encíclica social "Paz na Terra", n. 40 e 41.

O Evangelho de Lucas ilumina um fato inteiramente novo e surpreendente. Por Maria não só nasce e se explica o Evangelho de Jesus, mas, estando ela presente, se compreende melhor o nascimento e a vida na própria Igreja. Como nos parece revelador, releamos os primeiros capítulos de Lucas e acrescentamos de imediato a leitura dos Atos dos Apóstolos (1,14). Descobrimos que Maria nunca será personagem secundário ou simples ornamento. Pelo contrário, Maria nos é apresentada nos Evangelhos como personalidade ímpar, na fase definitiva da caminhada humana. Falta a nós, mulheres que exercemos um papel decisivo dentro da Igreja, conquistarmos de fato este espaço. Como? O engajamento na Ação Social é um dos caminhos que podemos percorrer, através dos quais chegaremos à meta da nossa devida valorização.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- Pierre Bourdieu — *Condições de Classe e Posição de Classe* in AGUIAR, Neuma (Org) *Hierarquias em classes*, Rio de Janeiro — 1974
- Umberto Cerroni — *"Considerações sobre a relação Família-sociedade"*. Paz e Terra — Rio de Janeiro — 1971.
- Ivete Ribeiro — *"Família e Valores"*. Ed. Loyola — São Paulo 1987.
- Cardeal Arns — *"Mulher, quem és? Que procuras?"*. Ed. Santuário — Aparecida — São Paulo — 1990.
- *Texto-Base da Campanha da Fraternidade de 1990* — *Mulher e Homem, Imagem de Deus*. Ed. Salesiana D. Bosco, — São Paulo — 1990.

Endereço da autora: a/c ASA
rua Esteves Junior 105
88010 — Florianópolis — SC.